

FERNAND BRAUDEL E A GERAÇÃO DOS ANNALES

José D'Assunção Barros

Doutor em História - UFF

Professor-Adjunto da UFRRJ, nos cursos de Graduação e Pós-Graduação em História
Professor-Colaborador do Programa de Pós-Graduação em História Comparada da
Universidade Federal do Rio de Janeiro

RESUMO: Este artigo visa examinar as especificidades do modelo historiográfico proposto pelo principal autor pertencente à segunda fase do movimento dos *Annales*: Fernando Braudel. Depois de uma discussão inicial sobre o contexto histórico e institucional que preside uma nova fase dos *Annales* sob a direção institucional de Fernando Braudel, passamos à discussão sobre a contribuição historiográfica deste historiador francês, enfatizando aspectos como a concepção braudeliana sobre o tempo e a dialética das durações, a importância do espaço para a historiografia braudeliana, o projeto de História Total neste historiador francês, e sua dinâmica de diálogos interdisciplinares.

PALAVRAS-CHAVE: *Annales*, Historiografia, Braudel.

ABSTRACT: This article aims to examine specificities of the historiographic model proposed by the principal historian belonged to the second phase of the *Annales* movement: Fernand Braudel. After an initial discussion about the historical and institutional context that introduces the occurrence of a new phase of the *Annales* movement under the direction of Fernand Braudel, it is discussed the historiographic contribution of this French historian, with special emphasis on the braudelian conception of the time and its duration dialectics, the importance of space for the braudelian historiography, the project of global history in this French historian, and his dynamic of interdisciplinary dialogues.

KEY-WORDS: *Annales*, Historiography, Braudel.

Introdução: Fernand Braudel e a segunda fase dos Annales

Fernand Braudel (1902-1985) é consensualmente considerado um dos maiores historiadores do século XX, além de ter dominado amplamente a segunda geração dos *Annales* – este movimento que tantas repercussões trouxe para a historiografia mundial e, particularmente, para a historiografia brasileira¹. De 1946, e até a morte de Febvre em 1956, Braudel será efetivamente o segundo nome do movimento; a partir daí, e até 1969,

¹ Para uma biografia de Fernand Braudel, ver DAIX, 1995; e ainda a obra coletiva coordenada por Jacques Revel sob o título *Fernand Braudel et l'histoire* (1999). Ver ainda: (WALLERSTEIN, 1989: 13-29).

praticamente reinará absoluto no que se refere às oportunidades de poder relacionadas às instituições controladas pelo movimento dos Annales, quando então é pressionado a partilhar o poder com outros historiadores do grupo através de uma ampliação de cargos de direção da *Revista dos Annales* e de outras instituições como a *École des Hautes Études*². É a especificidade da produção de Fernand Braudel, e a sua inserção nesta que poderemos considerar uma segunda fase da Escola dos Annales, o que nos interessará neste artigo.

Quando se busca historiar o movimento dos Annales, considera-se habitualmente como uma conturbada transição o período situado entre 1940 e o final da Segunda Guerra, e situa-se a “segunda fase dos Annales”, propriamente dita, entre os anos de 1946 e de 1969, incluindo o ‘primeiro ato’ em que Lucien Febvre consolida institucionalmente o grupo projetando o sucesso definitivo da *Revista dos Annales* e fundando a VI seção da *École des Hautes Études*. Quando se fala em “gerações dos Annales”, por outro lado, temos que considerar que Marc Bloch e Febvre constituíram a primeira geração, e que Braudel já será o grande nome da segunda geração³. Trata-se de um novo momento, e de uma nova configuração para possíveis articulações. O contexto geral é o de uma expansão econômica, à qual muitos economistas do futuro referir-se-iam como “anos de ouro”. As ciências sociais conhecem nesta época um novo impulso, afirmando-se em algumas delas uma corrente teórica que ficaria conhecida como Estruturalismo, e que terá uma sensível influência na nova historiografia que começa a ser afirmada com a chamada segunda geração da Escola dos Annales.

Ao lado deste novo momento nas relações entre as ciências humanas e a história, a França e os países do Mediterrâneo europeu viram florescer desde o pós-Guerra um vigoroso “marxismo mediterrânico” (ROJAS, 2000: 67). Se na primeira metade do século XX os países da Europa tinham uma lacuna em termos de desenvolvimento de um consistente marxismo político e de uma mais rigorosa produção histórica e sociológica fundada no

² É preciso se ter em vista que, antes de se tornar subitamente o segundo nome da Escola dos Annales na última fase de vida de Lucien Febvre, Braudel havia percorrido uma árdua trajetória. Durante dez anos atuara como professor na Argélia (1922-1932), e nos três anos seguintes lecionou na Universidade de São Paulo, no Brasil. Durante o período da Segunda Grande Guerra, esteve prisioneiro em um campo de concentração (1940-1943), e foi neste período que pôde concluir a elaboração de sua obra-mestra, *O Mediterrâneo*, que seria retocada e publicada em 1949. O encontro com Lucien Febvre, tão decisivo para a sua carreira nos Annales, deu-se em um navio que voltava para a França. Braudel vinha do Brasil, e Lucien Febvre de uma viagem ao Uruguai e Argentina. Este encontro seria decisivo para a consolidação da segunda fase do movimento dos Annales, que teve Lucien Febvre por líder desde 1946, e Braudel como dirigente máximo a partir de 1956.

³ O próprio Braudel tende a falar em duas fases cortadas pelo ano de 1956. A primeira grande etapa corresponderia ao período que abarca desde a colaboração dos primeiros annalistas na *Revue de Synthèse Historique*, de Henri Berr, até os dois períodos iniciais da Revista dos Annales, isto é, aquele em que se desenvolve a colaboração entre Bloch e Febvre até o fim da guerra, e também o período seguinte, no qual Febvre passa a comandar a revista após a morte de Marc Bloch. Em 1956, na perspectiva do próprio Braudel, os Annales teriam passado a uma nova etapa. Esta periodização foi proposta em um artigo de Braudel para comemorar os 30 anos da revista (BRAUDEL, 1959).

Materialismo Histórico, agora surgia um marxismo mediterrânico que penetra nos meios populares e nas instituições. E, se os primeiros Annales puderam explorar precisamente esta lacuna, assumindo a vanguarda da renovação historiográfica em países como a França, Itália, Espanha, ocupando um lugar de destaque nesta divisão do trabalho historiográfico, agora havia um ágil marxismo mediterrânico com o qual era preciso se articular⁴. Alguns dos primeiros e mais próximos colaboradores de Braudel pertenciam originalmente a organizações de esquerda ou ao próprio Partido Comunista Francês, tal como Le Roy Ladurie (n.1929) e François Furet (1907-1997). Este último, mais tarde, iria abandonar a esquerda e tornar-se um dos seus críticos mais contumazes ligados aos Annales. Suas veementes críticas ao socialismo foram depois encaminhadas no livro *O Passado de uma Ilusão* (1995). Os anos iniciais da direção de Braudel – este pensador que não era propriamente de esquerda, embora admirador confesso do trabalho teórico de Marx⁵ – foram atravessados por esta assimilação da colaboração de marxistas e homens de esquerda que se ligaram ou se associaram aos Annales⁶. Os anos 1970, por outro lado, iriam assistir também à influência, nos meios acadêmicos franceses, de Louis Althusser (1918-1990), filósofo que produz uma mescla entre o marxismo e o estruturalismo francês e que repercute em diversas correntes das ciências humanas na França, inclusive influenciando alguns dos historiadores da terceira geração Annales⁷. O marxismo francês,

⁴ O Marxismo Mediterrânico – na França e nos demais países do sul da Europa – floresce entre o Pós-Guerra e o emblemático ano de 1968. Depois disso, não conseguindo trazer respostas às novas demandas, declina e sai de cena. Na década de 1960, foram intensos os diálogos entre este marxismo mediterrânico e a última fase da segunda geração dos Annales. Com os acontecimentos de 1968, não é só o marxismo mediterrânico, mas também a configuração dos Annales estruturada em torno de Braudel (ROJAS, 2000: 70). Mais uma vez, os Annales precisam mudar de pele (uma expressão que fora de Braudel) e entra em cena, na direção da revista, a geração de historiadores franceses que ficaria conhecida como terceiros Annales, e que também gostava de se intitular *Nouvelle Histoire*, embora sustentando a ideia de continuidade em relação aos Annales originais.

⁵ O que mais Braudel admirava em Marx era o fato de que, em pleno século da História Política tradicional, este pensador oitocentista conseguira pensar a história em termos de equivalentes da “longa duração”. A sua história dos modos de produção, com outro vocabulário, não deixava de ser uma história das estruturas. Com relação à teoria da transformação revolucionária, neste ponto há uma divergência entre Marx e Braudel, que acredita que as desigualdades sociais são eternas. Considerando as distinções que podem ser observadas entre “materialismo histórico” (um paradigma teórico-metodológico para as ciências humanas), e “marxismo” (um projeto político que visa o socialismo), podemos ver que Braudel apresentava algumas convergências com o materialismo histórico, rejeitando, contudo, o marxismo político e a filosofia da história de Marx. Com relação ao posicionamento político de Braudel, é interessante ressaltar que, em seu “Testemunho Pessoal”, ele declara ter sido um “estudante de esquerda” (BRAUDEL, 1972: 450).

⁶ O Partido Comunista Francês, todavia, em certo momento adotou uma posição oficialmente crítica em relação a Braudel, e acusou este último de ser um “teórico oficial do Gaullismo” e “agente de formações norte-americanas na França” (ROJAS, 2000: 188). Braudel, certamente, soube articular uma série de alianças, bem como atrair investimentos para dar suporte ao seu grande empreendimento. Por sinal, já vinha de Lucien Febvre esta capacidade de articulação e de administrar investimentos externos, e o mecenato americano, por exemplo, foi importante para a formação da VI Seção da *École Pratique des Hautes Études*, a instituição que começou a consolidar um lugar institucional concreto para os Annales. Sobre as origens desta instituição e sua assimilação do mecenato americano, ver MAZON, 1988.

⁷ É visível a presença de uma nota de influência de Althusser no acorde teórico de Michel Vovelle, historiador marxista da terceira geração da Escola dos Annales que evoca o filósofo algumas vezes em um de seus mais

enfim, era uma nova força que precisava ser considerada. Além disto, havia ainda o diálogo a ser travado, em novas bases, com as ciências sociais.

Influências recebidas por Braudel

Braudel, além de ser o grande líder dos Annales entre 1956 e 1969, com amplos poderes em todas as instituições do movimento, ofereceu aos Annales a mais brilhante contribuição historiográfica do período⁸. Esta coincidência entre um líder carismático, executivo hábil, e intelectual brilhante não ocorre com muita frequência na história das idéias. Os Annales da segunda geração, todavia, puderam se beneficiar desta conjugação. Stoianovich, um dos mais reconhecidos historiadores do movimento, considera Braudel o verdadeiro fundador daquilo que se poderia chamar de um “paradigma dos Annales” (1976), considerando que é aqui que o modelo estrutural que incorpora permanência e mudança sob a égide do conceito de “longa duração” adquire sua forma mais bem acabada, transformando-se em um modelo que seria seguido por novos historiadores seja nas monografias regionais, seja nos trabalhos de recorte mais amplo.

Se a complexidade do pensamento historiográfico de Braudel for comparada a um acorde formado por muitas notas, dificilmente poderemos pensar em uma melhor solução do que imaginar a ideia de longa duração como uma nota que ocupa, neste historiador, uma posição proeminente. Esta nota também encobre pelo menos dois segredos harmônicos: a leitura marxista da sucessão histórica em ‘modos de produção’ – longos períodos que podem ser perfeitamente assimilados à noção braudeliana de “estrutura” – e a perspectiva estruturalista de Lévi-Strauss, assimilável ao “olhar longo” introduzido na historiografia pelos Annales. Também veremos na harmonia teórica de Braudel influências as mais diversas: as concepções de Marx sobre a transformação capitalista, a economia histórica de Sombart, a historiografia econômica de Pirenne⁹, a geografia possibilista de Vidal de La Blache¹⁰, a

conhecidos artigos: “A História e a Longa Duração” (1978). Também Jacques Le Goff e Georges Duby parecem adotar a concepção althusseriana de “ideologia”.

⁸ Além de diretor da *Revista dos Annales* e presidente da VI seção da *École Pratique des Hautes Études* – que eram as grandes instituições sob controle direto do movimento dos Annales – Braudel também passou a ser o Presidente do Júri do Exame de Agregação, o que significa que adquiriu poderes de decidir sobre as carreiras universitárias. Em 1962 consegue apoio da Fundação Ford para a criação da *Maison des Sciences de l'Homme*, e passa a ser também o seu administrador. Conforme assinala François Dosse, Braudel chegou a ser qualificado por alguns professores, em certa ocasião, como “um novo Luís XIV” (DOSSE, 1989: 163).

⁹ Existe outro detalhe nesta influência pireniana recolhida pelo acorde teórico de Fernand Braudel. Pirenne, no decurso de toda a sua produção historiográfica, atribuiu ao Mar Mediterrâneo o papel de grande protagonista histórico, capaz de mediar e de redefinir os destinos de três grandes civilizações: a ocidental-cristã, a islâmica e a bizantina. Maomé (o Islã) e Carlos Magno (o ocidente cristão) tornam-se forças antagônicas, mas complementares, precisamente através do novo padrão que se estabelece no Mediterrâneo: diante do controle islâmico do Grande Mar, e ainda incapaz para a aventura Atlântica, o ocidente europeu se interioriza e se

flexibilidade de Lucien Febvre traduzir criativamente influências diversificadas¹¹, e, sobretudo, a influência historiográfica de Marc Bloch como um todo.

Entre os historiadores com os quais Braudel conviveu nos seus anos formativos e antes da integração aos Annales, precisamos lembrar ainda o nome de Henri Hauser (1866-1946), historiador e economista que participara da fundação dos primeiros Annales, e que, tal como Braudel, especializara-se no estudo do século XVI e na análise da modernidade capitalista, de modo mais geral¹². A este ambiente teórico une-se o diálogo com as ciências sociais: um diálogo ao mesmo tempo crítico e assimilativo, tenso e atento, entusiasmado e cuidadoso. Característica interessante de Braudel, aliás, foi a maneira de lidar com as várias notas de seu próprio acorde. Em termos de influência, sejam quais forem, ocorre sempre um processo de tradução e de assimilação criativa. Aguirre Rojas utiliza uma interessante expressão para definir este processo de tradução de influências diversas encaminhado por Braudel. Para ele, este historiador “braudeliza” suas influências, a começar pela própria braudelização de Marx ao tratar de questões relativas ao Capitalismo (ROJAS, 2000: 68), o que ocorre em *Civilização Material e Capitalismo* (1967)¹³.

organiza de uma nova maneira com o império carolíngio e seus posteriores desmembramentos – e a Europa marítima se transforma em uma Europa intercontinental. A mesma centralidade atribuída ao Mediterrâneo, além da capacidade de enxergar o grande Mar como um personagem que redefine os destinos humanos, reaparecerá em Fernand Braudel, que, todavia, amplia a sua visão geo-histórica em função da possibilidade de enxergar o Mediterrâneo de diversos pontos de vista (e não apenas com o olhar que parte da margem europeia deste grande mar). Para esta nova possibilidade, certamente contribuiu o fato de Braudel viver dez anos na Argélia, na outra margem do Mediterrâneo (LACOSTE, 1989: 177). O contato de Braudel com Pirenne (e também com a sua obra) ocorre em 1831, quando este último fora a Argélia para proferir uma conferência sobre suas famosas teses sobre as origens da Idade Média.

¹⁰ A influência da geografia de Vidal de La Blache chega a Braudel, na verdade, através de uma outra nota: o geógrafo Albert Demangeon (1872-1940), que fora parceiro de Lucien Febvre e que contribuiu diretamente para a formação de Braudel. Sobre as relações de Braudel com a Geografia, ver: (LACOSTE, 1989: 175-219). Sobre Vidal de La Blache, Braudel entretece comentários na seção final de seu texto sobre “A Longa Duração” (BRAUDEL, 2012: 120-121).

¹¹ Além disso, a habilidade administrativa a capacidade como líder do movimento parecem ligar Lucien Febvre a Fernand Braudel.

¹² Os contatos de Braudel com Henri Hauser ocorrem a partir de 1930. Nesta altura, Braudel vivia o seu período docente na Argélia, e Henri Hauser lá esteve para uma palestra no Congresso de Ciências Históricas (1930). Nesta ocasião, Hauser já fazia parte do primeiro corpo editorial da recém-fundada *Revista dos Annales*.

¹³ “Isso não significa que Braudel tenha se convertido marxista. Ao contrário. Melhor seria dizer que Braudel “braudeliza” os ensinamentos de Marx, os refuncionaliza e readapta, os traduz para o seu próprio modo de ver, para incorporá-los ao seu esquema, então em vias de construção, sobre sua peculiar e interessante teoria do capitalismo [...] Trata-se de um processo geral que Braudel realiza com tudo aquilo que estuda. Todos os autores que influenciaram de alguma maneira na perspectiva braudeliana (em primeiro lugar, sem dúvida, Marc Bloch, mas igualmente Pirenne, Hauser, Marx, Sombart, Vidal de La Blache, Febvre, etc) o fizeram apenas através desse processo de tradução” (ROJAS, 2000: 68).

Um novo diálogo com as ciências sociais

Em seu empenho em imprimir um novo movimento aos Annales e consolidar o seu domínio e influência historiográfica na França, vê-se com Fernand Braudel reeditado o antigo debate travado entre Bloch e Febvre diante das Ciências Sociais, que conhecem na ocasião um novo impulso e por isto mesmo constituíam uma nova ameaça territorial para a primazia da História no âmbito das ciências humanas. Um dos campos de oposição contra os quais Braudel buscou afirmar a Escola dos Annales foi a micro-sociologia política de Georges Gurvitch, um sociólogo que também admite múltiplas temporalidades (diferentes tipos de tempos sociais), mas que, em última instância, apresenta uma teoria um tanto impressionista dos tempos múltiplos e termina por oscilar entre a mera efervescência do mundo político no Presente e a edificação de “uma imensa arquitetura [de temporalidades] que permanece imóvel”¹⁴. De outro lado, Braudel precisou interagir e se opor criativamente à Antropologia Estrutural de Lévi-Strauss, esta corrente que em sua época emerge como a grande novidade no seio das ciências humanas e sociais¹⁵. Na verdade, boa parte das contribuições teóricas mais criativas de Braudel no que concerne ao tempo, em especial o conceito de “longa duração” e a sua concepção de uma dialética dos ritmos históricos, adquiriram maior consistência através de uma resposta a provocações que Lévi-Strauss havia dirigido contra a História em obras como *História e Etnologia* (1949), texto na qual Lévi-Strauss opunha a Etnologia a uma História ainda limitada aos eventos contingentes (na

¹⁴ As críticas de Braudel à Gurvitch podem ser encontradas em um artigo de 1953, intitulado “Gurvitch ou la discontinuité du social”. Uma das seções do artigo sobre “A Longa Duração” (1958) também desenvolve duras críticas às “temporalidades de Gurvitch”: “As temporalidades de Georges Gurvitch são múltiplas, Ele distingue toda uma série delas: o tempo da longa duração e em ‘câmara lenta’, o tempo *trompe-l’œil* ou tempo surpresa, o tempo das batidas irregulares, o tempo cíclico ou da dança sem sair do lugar, o tempo atrasado em relação a si mesmo, o tempo de alternância entre atraso e adiantamento, o tempo adiantado em relação a si mesmo, o tempo explosivo ... Como poderia o historiador se deixar convencer? Com toda essa gama de cores, seria para ele impossível reconstituir a luz branca, unitária, que lhe é indispensável. Ele também percebe rapidamente que este tempo-camaleão marca, sem mais, com um retoque de cor, as categorias anteriormente distinguidas” (BRAUDEL, 2011: 118). Mais adiante, Braudel crítica o paradoxo no qual Gurvitch está mergulhado, ao oscilar entre o instante fugidivo, meramente acontecimental, e o tempo imóvel: “eles se evadem [da sujeição ao tempo], seja no instante, sempre atual, como que suspenso acima do tempo, seja nos fenômenos de repetição que não pertencem à época alguma; portanto, por meio de um procedimento oposto do espírito, que os limita quer ao mais estrito nível dos acontecimentos, que na duração a mais longa possível” (BRAUDEL, 2011: 118), Sobre a teoria das temporalidades de Gurvitch, ver GURVITCH, 1968.

¹⁵ O diálogo crítico contra Lévi-Strauss aparece em uma das sessões do célebre artigo publicado no último trimestre da Revista dos Annales de 1958, intitulado “História e Ciências Sociais: a Longa Duração” (BRAUDEL, 2011: 110-115). O artigo foi mais tarde integrado à coletânea *Escritos sobre a História* (1969), e nele Braudel critica, em Lévi-Strauss, a ausência de consciência sobre o tempo e a inviabilidade de seu sistema de análise para além de temas quase imóveis como o dos mitos nas sociedades tribais ou as “estruturas elementares do parentesco” (LÉVI-STRAUSS, 1949).

linguagem braudeliana, os eventos de curta duração)¹⁶. O ‘salto de tigre’ de Braudel para um novo patamar teórico de discussão das temporalidades históricas produz-se a partir do diálogo que o historiador viu-se pressionado a estabelecer com estas provocações de Lévi-Strauss, e da urgência de tomar posição contra uma nova investida de um cientista social que buscava impor uma leitura limitadora da História, tal como Durkheim tentara fazer na época de Febvre e Bloch¹⁷. Em *Mediterrâneo* (1949), Braudel já colocara em prática o seu novo modelo, através de uma obra monumental que se transformaria no grande clássico dos Annales; mas agora, em 1958, sentia-se conclamado a desenvolvê-lo conceitualmente, intermesclando suas considerações teóricas com uma espécie de manifesto que re-situava a História, mais uma vez, diante das demais ciências sociais. Daqui sairia o mais importante texto teórico de Braudel: “A História e as Ciências Sociais: a longa duração” (1958).

Entre as interações com os demais campos de saber, interações que Braudel integrava ao seu acorde teórico através da sua típica prática de ‘tradução’, deve-se mencionar ainda o diálogo com as ciências econômicas, mais especificamente com o tempo conjuntural e cíclico co o qual os economistas trabalhavam. As preocupações temáticas centrais na obra de Braudel sempre favoreceram este diálogo interdisciplinar. Se pudermos dividir as grandes preocupações temáticas de Braudel em três eixos – a saber, o Mediterrâneo, a Identidade da França, e a formação e desenvolvimento do capitalismo entre os séculos XV e XVIII – veremos que o diálogo com a Economia sempre as atravessa. Em *Mediterrâneo* – obra maior que derivou do fascínio de Braudel pelo mundo mediterrânico – a Economia ocupa, ao lado da Geografia, um lugar primordial¹⁸. A atenção às instâncias econômicas também teria papel importante na *Identidade da França*, obra inconclusa cujo projeto revela a cuidadosa atenção dispensada por Braudel à história de seu país. Por fim, o eixo de preocupações com a formação do Capitalismo e da sociedade industrial o coloca

¹⁶ Este famoso texto de Lévi-Strauss iria se transformar em um dos capítulos de *Antropologia Estrutural* (1958). Havia sido publicado originalmente na *Revue de Métaphysique et Morale*. Sobre o diálogo e oposição crítica que Braudel estabelece em relação a este texto, ver o artigo de Rodrigues Estrada (2009).

¹⁷ Conforme observa Henrique Rodrigues Estrada, “esses pressupostos foram evocados, sobretudo, seguindo a tradição delineada em torno da revista dos *Annales*, fundada em 1929 por Marc Bloch e Lucien Febvre. Tratava-se, no caso, de evocar os passos de uma historiografia que, havia muito, vinha revogando a superfície dos acontecimentos em proveito das estruturas de longa duração. No interior das ciências sociais, defendia Braudel, nem tanto a etnologia, mas a história fora a protagonista nessa tarefa de revogação” (RODRIGUES, 2009). Braudel assumiu a tarefa de mostrar que a História, através dos Annales, já assumira a posição mais importante neste debate havia algumas décadas, o que força um pouco a mão do protagonismo da História no assunto por desconsiderar as dívidas que o próprio Bloch já expressara em relação à crítica do eventual promovida pela sociologia de Durkheim em sua própria época.

¹⁸ Os diálogos de Braudel com a Geografia são discutidos pelo próprio historiador francês no artigo “A Geografia face às ciências humanas” (BRAUDEL, 1952). Ver também: (LACOSTE, 1989: 175-219).

diretamente no debate com a Economia, e em especial em um diálogo com a obra de Karl Marx (*Civilização Material e Capitalismo*, 1967; e *Dinâmica do Capitalismo*, 1977¹⁹).

O diálogo braudeliano com a Antropologia

De todos os diálogos interativos com as ciências sociais, o mais tenso, e ao mesmo tempo o que rendeu maior enriquecimento teórico à reestruturação que Braudel pretendia imprimir aos novos Annales, foi o debate com a Antropologia. Este campo de saber, na versão da antropologia estrutural levi-straussiana, representou para Braudel o que a sociologia durkheimiana representou para Bloch e Febvre. A solução de Braudel para opor-se a um e outro dos vários campos de afirmação das ciências sociais de sua época, em especial a Antropologia, foi trazer uma consistência teórica ao que pode ser referido como uma “dialética das durações”²⁰. Em um célebre artigo escrito em 1958 para a Revista dos Annales, mas que passou a integrar a coletânea de artigos publicada em 1969 com o título *Escritos sobre a História*, Braudel discute em maior detalhe a Longa Duração, o próprio conceito de duração, os modos como interagem estes diversos ritmos históricos que poderiam ser referidos como “durações”. Ele pretende presentear as ciências sociais – é praticamente o que diz na introdução do seu artigo – com “uma noção cada vez mais precisa da multiplicidade do tempo e do valor do tempo longo” (BRAUDEL, 1969: 44). Na verdade, com a tríplice crítica a cada grupo de ciências sociais ou humanas que se restringia a apenas uma das “durações” – a *longa*, na antropologia estrutural, a *média*, nas ciências econômicas, a *curta*, na micro-sociologia política – Braudel lograva encetar um golpe de mestre. A História reaparece aqui, sob a concepção braudeliana e ao abrigo de sua arguta exposição no artigo “A História e as Ciências Sociais: a longa duração” (1958), como a ciência humana mais completa e mais complexa – a única que considera a interação entre

¹⁹ Este último livro é constituído por três conferências proferidas por Braudel na Universidade de John Hopkins, nos EUA (1977).

²⁰ A expressão “dialética da duração” aparece pela primeira vez com Gastón Bachelard, na obra de mesmo nome (BACHELARD, 1936). Neste livro, o objetivo de Bachelard é criticar a concepção de duração proposta por Henri Bergson. Os livros de Bergson que trataram do tempo foram *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência* (1889) e *Duração e simultaneidade* (1922). A discussão sobre a “dialética da duração” de Bachelard, todavia, remete a aspectos que se referem aos modos de percepção do tempo pelo indivíduo, e não aos aspectos do tempo histórico propriamente dito. Fernand Braudel, em seu artigo sobre “A Longa Duração”, criticará rapidamente a “dialética da duração” de Bachelard (BRAUDEL, 2011: 116). Com o historiador francês, a expressão “dialética das durações” referir-se-á às interrelações que se estabelecem entre as diferentes durações históricas, isto é, entre os diferentes padrões rítmicos a partir dos quais se processam as mudanças históricas. Na concepção de Braudel, está implícita uma arquitetura e três durações (a longa, a média e a curta), através das quais a estrutura enquadra as conjunturas, e estas os eventos típicos da história política. Este é o modelo aplicado em *Mediterrâneo* (1949).

estrutura, conjuntura e evento²¹. Expressa-se aqui, com rara clareza, a concepção de Braudel sobre a própria História: uma complexa ciência do geral, orientada por uma abordagem globalizante, que seria capaz de organizar as demais ciências sociais a partir da sua própria centralidade²². Rigorosamente falando, este texto apenas traz um maior acabamento àquela antiga obsessão de Braudel em concretizar um projeto imperialista para a História, na qual esta poderia absorver as demais ciências sociais ou, ao menos oferecer-se a elas como uma interciência capaz de unificá-las. O sonho interdisciplinar que reunifica as ciências humanas, através da História, encontra nos textos de Braudel inúmeras oportunidades para se afirmar que “as ciências sociais terminarão por fim, um dia, reunindo-se em uma só experiência” (BRAUDEL, *Continuités ou discontinuités em histoire*, 1950)²³.

Uma nova concepção do tempo

Algumas palavras precisam ser ditas sobre a concepção braudeliana de tempo que se associa a este projeto globalizante da história. Começaremos por lembrar duas famosas metáforas de Braudel nas quais o historiador francês expressa de forma admirável o jogo das durações. Uma é a metáfora das ondas e das correntes profundas, sendo que os acontecimentos nada mais seriam do que espumas que se formam na crista das ondas, estas mesmas impulsionadas por correntes profundas. Outra é a metáfora dos vagalumes que brilham contra a escuridão noturna: os eventos que brilham, chamando atenção para si seriam os eventos; mas caberia aos historiadores, sobretudo, estudar a densa obscuridade

²¹ No modelo de ciências econômicas de Imbert havia uma iniciativa análoga de considerar a interação entre distintas durações. Ciclos curtos de 3 a 5 anos (Kitchin) articulavam-se aos ciclos Juglar, de 6 a 11 anos, estes aos hiperciclos, de 18 a 22 anos, a estes finalmente aos ciclos Kondratieff, longos ciclos de 40 a 60 anos que corresponderiam ao limite estrutural mais amplo em termos de ciclos econômicos.

²² Ver a análise de Aguirre Rojas em “Fazer História, saber História – entre Marx e Braudel” (2000: 82-83): “Para Braudel, a história não é só a pergunta e o esforço de ‘unidade de todas’ as ciências sociais em uma só ‘interciência’, mas também um modo totalizante de estudar qualquer fenômeno social, uma abordagem necessariamente ‘globalizante’ dos problemas que constituem o tema de estudos das ciências sociais”.

²³ A visão de Braudel sobre o futuro das ciências humanas, que, sob a ação globalizadora da História, confluiriam um dia para uma “interciência” (a expressão é do próprio Braudel), é explicitada na “Última entrevista do mestre da história lenta” (1985). Depois de afirmar a distinção da sua visão do futuro da história em relação ao antigo projeto interdisciplinar de Bloch e Febvre, que visavam “assimilar à história as diversas ciências do homem que a rodeavam; anexá-las, enfim, inclusive ao preço de transformarem-nas em ciências auxiliares”, Braudel prossegue enunciando o seu projeto, o seu desejo, a sua visão do futuro: “Para mim, o problema não é o de assimilar as ciências do homem à história, mas antes o de assimilar a história às ciências humanas. O que é mais importante, criar uma espécie de interciência que abarcará a história e todas as outras ciências” (BRAUDEL, 1985: 42). Braudel, deste modo, defende-se das acusações de imperialismo historiográfico que lhe foram voltadas por alguns críticos. Seu projeto, por outro lado, lembra-nos a predisposição humanista de alguns dos filósofos iluministas, para os quais as áreas de saber que hoje percebemos como disciplinas fechadas não seriam mais do que campos internos de um grande universo de saberes aos quais cada filósofo poderia se dedicar em separado ou em combinações diversas, conforme seus interesses, formação e habilidades. No universo unificado de saberes de Braudel, na sua “interciência”, a instância que atravessaria a todos os saberes e práticas, inclusive a própria História como um de seus vários campos, seria a consciência histórica. Dito de outra forma, no futuro, o cientista social será necessariamente historiador.

que permanece para além deles. Esta obscuridade corresponderia às economias, à vida coletiva, às mentalidades, à vida coletiva, à organização social em classes, às civilizações; tudo, enfim, que permanece, se repete e se recicla, independentemente do fugaz, embora intenso, brilho dos vagalumes.

A obra maior em que realiza o seu projeto de estabelecer uma “dialética das durações” na qual adquirirá importância central o tempo estrutural é *O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrânico na época de Felipe II* (1949) – um livro no qual o grande personagem examinado não é Felipe II, mas sim o próprio Mediterrâneo, e que toma para seu cenário simultaneamente uma vasta espacialidade e um extenso recorte definido pelo “longo século XIV” (1450-1650)²⁴. É interessante perceber neste livro tão singular como este personagem, o Mediterrâneo, vai se desvelando através de um originalíssimo relato-analítico que no primeiro momento o apresenta como uma realidade natural, rigorosamente descrita nos moldes da geografia física, e que gradualmente vai se humanizando aos olhos do leitor, na medida mesma em que a vida dos homens que interagem com o grande mar, em suas complexas relações sociais, é apresentada pelo historiador. Para realizar este intento, e expor esta história em três níveis de problematização, o tempo – um novo modelo de tempo histórico – torna-se o liame fundamental.

Dividida em três grandes volumes, apresenta-se aqui um modelo articulado de “durações”, no qual se percebe que as várias instâncias sociais, processos e contextos apresentam ritmos variados de mudanças²⁵. No primeiro volume é examinada a longuíssima duração do relacionamento do homem mediterrânico com o Espaço que ao mesmo tempo limita e possibilita suas ações. Relações diversas entre os vários tipos de habitantes (o montanhês, o homem do litoral, o cidadão e outros) são estabelecidas com os vários ambientes internos do mundo mediterrânico: o Mar, as ilhas, o litoral, o deserto, a savana, a montanha. Estas múltiplas relações são complexas e variadas, mas todas se caracterizam

²⁴ Esta obra, que contou com a orientação de Lucien Febvre, é entusiasticamente saudada pelo fundador dos Annales em uma resenha mais tarde inserida na coletânea *Pour une histoire à part entière* (FEBVRE, 1962: 167-179). Em 1966, a obra seria reelaborada por Braudel. Com relação à comparação do Mediterrâneo como um grande personagem, esta analogia é sugerida pelo próprio Fernand Braudel no prefácio à primeira edição (1949): “Será, portanto, difícil definir exatamente que personagem histórica poderá ser o Mediterrâneo; para tal seria necessário paciência, múltiplas diligências, e, inevitavelmente, alguns erros” (BRAUDEL, 1984: 22).

²⁵ Assim o próprio Braudel sintetiza o plano de sua obra, em uma carta à sua esposa: “A primeira [parte] trata de uma história quase imóvel, a história do homem nas suas relações com o meio que o cerca [...] Por cima desta história imóvel eleva-se uma história de ritmo lento [...] que nós chamaríamos de boa vontade, se esta expressão não tivesse sido desviada de seu verdadeiro sentido, uma história social, a história dos grupos e agrupamentos [...] finalmente, a terceira parte, a da história tradicional ou, se quisermos, a da história talhada, não à medida do homem, mas à medida do indivíduo, a história dos acontecimentos [...]. Chegamos, assim, a uma decomposição da história por pisos. Ou, se desejarmos, à distinção, dentro do tempo da história, de um tempo geográfico, de um tempo social e de um tempo individual” (BRAUDEL, apud FONTANA, 2000: 276). No prefácio à primeira edição (1949), escrito em maio de 1946, esta síntese é retomada com maiores desdobramentos e exemplificações (BRAUDEL, 1984: 25-26)

por uma permanência em uma duração muito longa, por uma mudança bastante lenta no padrão de relacionamento de cada tipo humano com cada tipo de ambiente. A “duração” tem menos a ver com a extensão do recorte de tempo do que com o “ritmo” de acordo com o qual as coisas mudam. No caso da longuíssima duração apresentada no estudo do Espaço Mediterrânico, estas mudanças são lentas, e em certo momento dão a impressão de uma “história quase imóvel”. Por outro lado, dentro deste grande padrão de relacionamentos entre o Humano e o Espacial, o Mediterrâneo tem os seus ritmos internos, cotidianos, sazonais: a Guerra, por exemplo, apresenta um ritmo que se ajustará ao das estações do ano, em vista das barreiras e limitações naturais que as mudanças de clima impõem, inclusive ditando os ritmos possíveis de navegação no Mediterrâneo, e, portanto, repercutindo no Comércio, na Guerra, e em outras atividades.

Longuíssima duração, igualmente implicada nos limites temporais sugeridos pela obra, é também um certo padrão de relacionamento do Mediterrâneo com o mundo, e a sua importância na centralização dos destinos humanos das sociedades ocidentais. Assim, o que estabelece os limites últimos da longuíssima duração e de sua passagem a uma outra estrutura, é o deslocamento da centralidade histórica em direção ao Atlântico e ao Norte Europeu – tal como assinalará Paul Ricoeur em sua esplêndida análise sobre *O Mediterrâneo* com vistas a dar a perceber que mesmo por trás deste clássico da história estrutural existe uma grande narrativa em forma de intriga (RICOEUR, 1983-85: 300). Eis portanto a longuíssima duração do objeto histórico construído por Braudel: um padrão de centralidade mediterrânica na história econômico-social e um complexo universo de modos de relacionamento do homem mediterrânico com o seu espaço.

Uma contribuição importante da análise braudeliana do Mediterrâneo é que ele procura ultrapassar os limites do ponto de vista europeu. O que o habilita para a tarefa, ou o que o levou à possibilidade de ver as coisas também de outro ângulo (ou de outra margem), foi certamente a sua longa estadia na Argélia (1922-1932), no período em que exerceu atividades docentes naquele país. O geógrafo Yves Lacoste lembra que Braudel começou a construir o seu Mediterrâneo em um ponto do norte da África que não estava muito distante do lugar de onde o antigo historiador islâmico Ibn Khaldoun (1332-1406) escrevera os seus *Prolegômenos*. A analogia é interessante, pois Lacoste mostra como um e outro destes pensadores refere-se explicitamente aos “tempos longos” (1989, p.177). Em ambos os autores, a chave-mestra para compreender as mudanças nos destinos humanos e sociais – neste vasto Mediterrâneo que em um caso é medieval, e que no outro abarca o “longo século XVI” – está em decifrar os caminhos de mar e terra, as suas lentas transformações e

desvios, os novos traçados comerciais que redefinem as histórias dos homens. O segundo volume de *Mediterrâneo* oferece a deixa para esta segunda análise, tão importante quanto a primeira.

Se o primeiro volume de *Mediterrâneo* aborda as relações dos homens das várias civilizações com este multifacetado meio físico constituído de terras e águas, o segundo volume encaminhará as análises estruturais e conjunturais (portanto de longa duração, no primeiro caso, e de média duração, no segundo). A Economia, as relações bélicas e diplomáticas, as trocas culturais entre os grandes circuitos civilizacionais orquestrados pelo mundo mediterrânico, tudo impõe o seu ritmo, formando estruturas e impondo conjunturas. Todos os ritmos ajustam-se, orquestrados pela articulação das grandes estruturas. Os tempos mais curtos da política, examinados no Livro III, são apenas vagalumes que se encaixam no tempo médio das conjunturas, da mesma forma que estas se apóiam no tempo longo das estruturas articuladas (livro II), e todas, enfim, se ajustam na longuíssima duração que demarca os diversos padrões possíveis de relacionamento dos grupos humanos com o espaço físico (livro I).

É importante, neste momento, registrar um comentário com vistas ao não engessamento do modelo braudeliano. Não necessariamente a longa duração corresponde sempre a certas esferas como a da interação com o meio (ou, conforme desenvolvimento posterior da historiografia, também como as mentalidades); e tampouco a curta duração deverá estar sempre associada ao político. Existem, obviamente, fenômenos geográficos de curta duração. Exemplo emblemático é o das tsunamis, grande ondas que arrasam cidades no pacífico e logo depois recuam, deixando atrás de si um rastro de destruição. As transformações impostas por estes fenômenos naturais são imediatas: seu ritmo é o mesmo dos impactantes acontecimentos da vida política. De maneira análoga, acontecimentos políticos podem apresentar um ritmo longo. A associação entre curta duração e história política, portanto, não deve ser automática²⁶.

²⁶ Em seu artigo “História e ciências sociais: a longa duração” – que é considerado o texto teórico mais bem acabado de Braudel sobre a dialética das durações – podemos ler a seguinte passagem: “Digamos, em vez de acontecimental: o tempo curto, aquele cuja medida é a dos indivíduos, a da vida cotidiana, a de nossas ilusões, nossas rápidas tomadas de consciência – o tempo do cronista por excelência, o tempo do jornalista. Ora, observemos que tanto crônica como jornal fornecem, ao lado dos grandes acontecimentos qualificados como históricos, os medíocres acidentes da vida ordinária: um incêndio, uma catástrofe ferroviária, o preço do trigo, um crime, uma representação teatral, uma inundação. Cada um de nós compreenderá que existe, assim, um tempo curto para todas as formas de vida: econômica, social, literária, institucional, religiosa, e até mesmo geográfica (fortes ventos, uma tempestade), tanto quanto a política” (BRAUDEL, 2011: 91).

Braudel e a História Total

Voltando ao *Mediterrâneo*, podemos perceber que também aqui se expressa o projeto da História Total, tal como já estava proposto no programa da primeira geração dos Annales, mas aqui traduzido de uma nova maneira por Fernand Braudel. Com o *Mediterrâneo*, tratava-se, de algum modo, de construir uma “estrutura das estruturas” – um projeto tão ambicioso que poucos se arriscaram a enfrentar o desafio de concretizá-lo em outras obras, à exceção de Pierre Chaunu com sua monumental obra *Sevilha e o Atlântico*²⁷, e talvez Le Roy Ladurie. Somente o mesmo Fernand Braudel teria fôlego para repetir uma empresa como a do *Mediterrâneo* uma segunda, e uma terceira vez. Um novo tríptico, também organizado em três patamares como ocorrera com a obra sobre o *Mediterrâneo*, seria elaborado por Braudel para a sua segunda obra monumental: *Civilização Material e Capitalismo* (1967) – um minucioso estudo que buscava dar a perceber como a “economia-mundo” europeia fora conduzida à moderna economia mundial. Desta forma, Braudel entrega-se a um projeto ainda mais ambicioso, agora circunscrito ao vasto ambiente planetário. Trata-se também de um empreendimento que realiza, em níveis extraordinariamente amplos, a História Comparada que Marc Bloch postulava ainda nos primeiros tempos dos Annales, ou mesmo antes. Quanto ao terceiro trabalho monumental, para o qual estava prevista a mesma fórmula trinitária, este ficaria inconcluso em função do falecimento de Braudel em 1985. *A Identidade da França* (1988, *post*), teria apenas um de seus volumes publicado²⁸.

Será oportuno discutirmos – diante destas três grandes realizações que foram o *Mediterrâneo* (1949), *Civilização Material* (1967) e *Identidade da França* (1985) – a própria noção de História Total. Qual o sentido específico deste conceito, que coincide com um dos itens programáticos mais característicos da Escola dos Annales, em realizações historiográficas singulares como as de Braudel e as de outros historiadores dos Annales? Será a História Total, sempre e necessariamente, uma grande arquitetura de durações que

²⁷ Hoje, passada a novidade que representou a história serial nas suas primeiras décadas de existência (veremos isto no próximo item), a *Sevilha e o Atlântico* de Chaunu (1960-1965) mostra-se muito distante de ter realmente sido bem sucedida no empreendimento de construção de uma História Total. Visivelmente, Chaunu escolhe o Atlântico como uma resposta a Braudel, que estudara o *Mediterrâneo* (apenas um “grande mar”). Mas a verdade é que esta obra de Chaunu não faz muito mais do que reunir um grande conjunto de informações. Chaunu ficou longe de realizar algo próximo àquela arquitetura que foi construída por Braudel em *O Mediterrâneo e o mundo mediterrânico* (1949).

²⁸ Braudel chegou apenas a concluir as duas primeiras partes de *Identidade da França* – “Espaço e história” e “Os homens e as coisas” – ficando por escrever a terceira e quarta partes, respectivamente “Estado, cultura e sociedade” e “A França fora da França”. Mas na verdade, mesmo a *Identidade da França* seria apenas uma das três partes de um projeto ainda maior, que teria ainda duas outras: *O nascimento da França* e *Destino da França*.

ambiciona esgotar todos os níveis de percepção da realidade? Na verdade, podemos desde já considerar que a História Total de Braudel correspondeu a apenas uma das possíveis versões inscritas em duas grandes ordens de alternativas, ambas presentes na historiografia dos Annales (a história total como “história do todo”, conforme a concebia Braudel, ou como “história de tudo”)²⁹. Há também uma terceira alternativa para o conceito, que também poderemos discutir, e que irá aparecer por exemplo no historiador marxista Pierre Vilar (a história total como noção que remete ao gesto científico de “a tudo compreender historicamente”).

Em Braudel, o empreendimento de atingir a história total através de uma “história do todo” é claramente enunciado. Vemo-lo discorrer sobre este projeto, ao mesmo tempo em que o realiza, naquela que é a mais ambiciosa de suas obras com relação à dilatação do espaço-tempo de observação histórica. A História Total, em *Civilização Material e Capitalismo*, alcança as dimensões planetárias:

Este primeiro volume oferece um ensaio para ver todos estes espetáculos no conjunto. [...] É isso o que dá um sentido ao meu trabalho: ver tudo ou, pelo menos, situar tudo, e na escala necessária do mundo (BRAUDEL, *Civilização Material e Capitalismo*, 1967: 434)³⁰.

Como se concretiza este projeto de entender a História Total como “História do Todo”, é algo que, tal como se disse, admite variações. Braudel, em sua singular dialética das durações, na qual procura perceber na história do *Mediterrâneo* (1949) três ritmos que se enquadram – a longa, a média, a curta duração – irá conceber esse todo como a articulação entre estas três durações. Deste modo a sua História Total, como aquela que emerge do monumental projeto que busca realizar com *O Mediterrâneo*, coincide com a história destas três estruturas articuladas, e isto fica claro na maneira conforme a qual Fernand Braudel divide a obra em três grandes partes. Por outro lado, a História Total como história do todo também pode ser entendida como totalidade que articula as diversas dimensões do social (Economia, Cultura, Política, Mentalidades, e assim por diante). Este era o modelo de “história do todo” que parece predicado por Marc Bloch na *Apologia da História* (1941-1942). A fórmula para essa leitura blochiana do conceito de História Total

²⁹ Sobre esta ambigüidade do conceito de História Total, nos Annales, ver o ensaio de Hexter sobre *Braudel e o Mundo Braudelião* (1972).

³⁰ É oportuno observar, aliás, que a história total com sentido de “história do todo” ou da totalidade, pode ser aplicada a qualquer tipo de recorte. Braudel dá exemplos distintos nas suas três obras monumentais. Em *Mediterrâneo*, o recorte é o grande mar e as civilizações que o cercam. Em *Civilização Material*, o recorte se amplia a assumir extensões planetárias. Em *Identidade da França*, reduz-se para um nível de espacialidade menor: concentrando-se em um só país.

poderia ser resumida com uma sentença simples: “tudo se liga”. Ou, consoante este pequeno trecho de *Apologia da História*:

Reconhecemos que, numa sociedade, qualquer que seja, tudo se liga e se controla mutuamente: a estrutura política e social, a economia, as crenças, tanto as manifestações mais elementares como as mais sutis da mentalidade (BLOCH, 1941-1942)

Marc Bloch, em *Apologia da História* e em outras obras, evoca ancestrais para este modelo de História Total que se resume no lema “tudo se liga”. No século XIX, Guizot e Michelet teriam sido sensíveis a esta interconexão³¹. Por outro lado, ao “tudo se liga” podemos acrescentar uma pergunta: “como se liga”? Tudo se liga multilateralmente, como pensava Bloch? Todas as instâncias do social exercem a mesma força umas sobre as outras? Ou existe uma instância que domina outras, como propõe o Materialismo Histórico em algumas versões, ao atribuir à instância econômica um poder de determinação, ao menos em última instância? Mas será a determinação, uma vez admitida, uma via de mão única, gerando a partir da matriz econômica meros reflexos nas demais instâncias do social? Ou uma instância como a da Cultura, depois de se produzir com a interferência da economia, retroage sobre esta última, produzindo-se uma interação em duas vias? Aprimoramentos da leitura do determinismo, como este, constituiriam contribuições importantes de correntes marxistas como a Escola Inglesa. O “tudo se liga”, de todo modo, apresentou no decurso da história da historiografia muitas maneiras de se traduzir em História Total.

Existe outro sentido para a expressão História Total que também já havia sido empregado na primeira geração dos Annales, mas que posteriormente sofreria uma releitura dos terceiros annales³². A *História Total* não seria propriamente a “história do todo”, mas, antes, a “história de tudo”. Com isto, queria-se representar o alargamento da história-conhecimento para todos os campos históricos e para o estudo de todos os objetos, evocando-se aqui aquela emblemática frase que um dia fora proferida por Marx, segundo a qual “tudo é histórico”, só que agora empregada com uma sutil variação de sentido, visando à ideia de que a história pode legitimamente estudar qualquer coisa³³. De igual modo, a

³¹ Guizot teria se referido a um complexo “na direção do qual todos os elementos da vida do povo, todas as forças da sua existência vêm confluir”. Jacques Le Goff, no “prefácio” para a edição de 1993 de *Apologia da História* a relembra (BLOCH, 2001: 31).

³² Sobre isto, ver o artigo de Jacques Revel sobre “Os Paradigmas dos Annales” (1979).

³³ Parece ser este o sentido de História Total privilegiado por Jacques Revel em seu artigo sobre “Os Paradigmas dos Annales”, escrito para o último ano da *Revista dos Annales* de 1976.

ideia de História Total nesta acepção remete à proposta de que todo Passado (todas as épocas, inclusive o presente), merece ser estudado.

A expressão *História Total*, com este sentido de ampliação do campo de possibilidades dos estudos históricos, tinha também um endereço certo: a rejeição da tradicional História Política como campo privilegiado da história, tal como ocorrera com o padrão historiográfico estimulado pelos estados-nações na Europa do século XIX, e contra o qual os fundadores do Annales haviam tanto se debatido. Quase temos aqui um paradoxo: a crítica dos primeiros annalistas à exclusividade da História Política ligava-se intimamente à ambição de realizar uma história total, mas a concomitante e estigmatizada recusa de qualquer História Política terminava por produzir uma história total com uma zona proibida – um território minado ao qual não era possível ou recomendável entrar sem muitos alertas de segurança. Ao menos no discurso historiográfico dos Annales, mesmo que não tanto nas obras específicas de seus historiadores, instalava-se uma forte desconfiança com relação ao político que só começou a ser resolvida nos anos 1980, com o chamado “retorno do político” – verdadeira anistia para um campo histórico que se achava no exílio.

Os problemas maiores aparecem na concepção de História Total como estudo de uma determinada totalidade social. A ideia de totalidade social já vinha sendo trabalhada nas Ciências Sociais, tal como ocorre com o conceito de “fato social total” de Marcel Mauss, de acordo com o qual seria possível encontrar para cada sociedade um fato que é inerente a todas as manifestações desta sociedade e que, portanto, lhe confere uma unidade, um plano de coerência. Também o Materialismo Histórico postulava uma unidade para a compreensão de determinada sociedade no tempo, uma espécie de totalidade que correspondia ao conceito de “Modo de Produção”. Portanto, a História Total dos primeiros Annales – “total” no sentido de uma totalidade sincrônica e de uma continuidade diacrônica – podia dialogar perfeitamente com algumas das concepções já disponíveis na época dos primeiros Annales. Tratava-se, porém, de um projeto que se mostraria menos cômodo para a terceira geração dos Annales, que conservou das gerações anteriores o projeto de seguir promovendo uma “história de tudo”, mas rompeu com a ambição de produzir uma “História Total”.

Há ainda outra concepção sobre o que deveria ser a História Total. Para este caso, teremos que evocar um historiador que se situa fora do circuito dos Annales, ou que pelo menos se mostra um pouco mais distanciado do seu núcleo central. Pierre Vilar, historiador marxista que colaborou na edição de *Faire de l'Histoire* (1974), já frisava em um artigo para a *Revista dos Annales* que a história total não significa “dizer tudo sobre tudo, mas tudo

pensar historicamente” (VILAR, 1973). Reedita-se aqui o sentido original da famosa expressão de Marx – “tudo é história” – que tinha exatamente este mesmo sentido. Com a terceira geração dos Annales, todavia, preponderou mesmo o sentido que faria da História uma “história de tudo”. A “história de tudo” desligada da “história do todo” seria o grande risco a ser enfrentado pelos historiadores da *Nouvelle Histoire*. Mas aqui, certamente, já nos afastamos do modelo historiográfico proposto por Braudel para a segunda geração da Escola dos Annales.

Referências Bibliográficas

- BACHELARD, G. (1993). *A dialética da duração*. São Paulo: Ática [original: 1936].
- BERGSON, H. (2006). *Duração e Simultaneidade*. São Paulo: Martins Fontes. [original: 1922].
- BLOCH, M. (2001). *Apologia da História*. Rio de Janeiro: Zahar [original: 1941-42].
- BRAUDEL, F. (1952). La géographie face aux sciences humaines. *Annales ESC*, vol.6, n°4, Paris: A. Colin, out/dez.
- BRAUDEL, F. (1959-a). Les Annales ont trente ans (1929-1959). *Annales ESC*, vol.14, n°1, Paris: A. Colin, jan/mar.
- BRAUDEL, F. (1984). *O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrânico*. São Paulo: Martins Fontes [original: 1949, revisto em 1965].
- BRAUDEL, F. (1985-b). Le dernière entreviste du maître de l'histoire lente. *Le Nouvel Observateur*, n°1070. Paris: maio de 1985.
- BRAUDEL, F. (1985-a). *A Dinâmica do Capitalismo*. Lisboa: Teorema, [original: 1977].
- BRAUDEL, F. (2009). *A Civilização Material do Capitalismo*. São Paulo: Martins Fontes [original: 1967, revisto em 1979].
- BRAUDEL, F. (1978-a). *Escritos sobre a História*. São Paulo: Perspectiva [original: 1969].
- BRAUDEL, F. (2011). “História e Ciências Sociais: a Longa Duração”. In: NOVAIS e SILVA (orgs.). *Nova História em perspectiva*. São Paulo: Cosac & Naify, p.87-127 [original: 1958].
- CHAUNU, P. e CHAUNU, H. (1960-1965). *Seville et l'Atlantique (1504-1650)*. Paris.
- DAIX, Pierre. (1995). *Braudel*. Paris: Flammarion.
- DOSSE, F. (1989-b). « Os Herdeiros Divididos » In: LACOSTE, Yves (org.). *Ler Braudel*. Campinas: Papirus. p.161-173.

FÉBVRE, L. (1962). *Pour une histoire à part entière*. Paris: École des hautes études en sciences sociales [coletânea póstuma].

FONTANA, J. (2000). *Historia dos Homens*. Bauru: EDUSC.

GURVITCH, G. (1968). *Determinismos sociais e liberdade humana*. Rio de Janeiro: Forense [original: 1955].

LACOSTE, Y. (1989). « Braudel Geógrafo » In: LACOSTE, Y. (org.). *Ler Braudel*. Campinas: Papirus, p.175-219.

LÉVI-STRAUSS, C. (2003). “História e etnologia”. In: *Antropologia estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro [original: 1949; republicado: 1958].

MAZON, B. (1988). *Aux origines de l'EHESS: La role du mécénait américain*. Paris: Editions du Cerf.

REVEL, J. (1999). *Fernand Braudel et l'histoire*. Paris: Hachette.

RICOEUR, Paul (2011). *Tempo e Narrativa*. São Paulo: Martins Fontes [original: 1983-1985].

RODRIGUES, H. E. (2009). Lévis-Strauss, Braudel e o tempo dos historiadores. *Revista Brasileira de História*. Vol.29, n°57.

REVEL, Jacques. (1989). Les paradigms des Annales. In: *Annales ESC*, n°6, nov/dec. Paris: A. Colin.

ROJAS, C. A. A. (2000). *Os Annales e a Historiografia Francesa – tradições críticas de Marc Bloch a Michel Foucault*. Maringá: UEM.

VILAR, P. (1973). Histoire marxiste – histoire en construction – essay de dialogue avec Althusser. *Annales ESC*. n°1, p.165-198.

VOVELLE, M. (2011). “História e Longa Duração” In: NOVAIS e SILVA (orgs.). *Nova História em perspectiva*. São Paulo: Cosac & Naify, p.371-407 [original: 1978].

WALLERSTEIN, I. (1989-b). « O Homem da Conjuntura » In: LACOSTE, Yves (org.). *Ler Braudel*. Campinas: Papirus, p.13-29.

Recebido em: 28/02/2012

Aprovado em: 04/05/2012